

CRISE

Aumenta a insegurança alimentar

FERNANDA STRICKLAND

A parcela de brasileiros que não tem dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento nos últimos 12

meses subiu de 30% em 2019 para 36% em 2021, atingindo novo recorde da série, iniciada em 2006. É a primeira vez, desde então, que a insegurança alimentar brasileira supera a média simples mundial. Os dados são da pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), elaborada pelo economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais FGV Social.

Comparando a média simples de 120 países com o Brasil, antes e durante a pandemia da COVID-19, a insegurança alimentar aumentou 1,5 ponto

percentual no mundo, contra seis pontos percentuais no país, sugerindo ineficácia relativa de ações nacionais.

O aumento da insegurança alimentar entre os 20% mais pobres no Brasil durante a pandemia foi de 22 pontos percentuais, saindo de 53% em 2019 e chegando a 75% em 2021, nível próximo do país com maior insegurança alimentar da amostra, o Zimbábue (80%). Já os 20% mais ricos experimentaram queda de insegurança alimentar de três pontos percentuais – indo de 10% para 7%, pouco aci-

ma da Suécia (5%), país com menos insegurança alimentar.

Na comparação com a média global de 122 países em 2021, os 20% mais pobres no Brasil têm 27 pontos percentuais a mais de insegurança alimentar, enquanto os 20% mais ricos apresentam 14 pontos percentuais a menos.

FEMINIZAÇÃO DA FOME A pesquisa observou ainda uma crescente e marcada assimetria de insegurança alimentar entre homens e mulheres no Brasil. De 2019 a 2021, houve aumento

de 14 pontos percentuais entre as mulheres (sobe de 33% para 47%) e queda de um ponto percentual para homens (cai de 27% para 26%). Como resultado, a diferença entre gêneros da insegurança alimentar em 2021 é seis vezes maior no Brasil do que na média global.

Segundo o levantamento, as mulheres, principalmente aquelas entre 30 e 49 anos, onde o aumento foi maior, tendem a estar mais próximas das crianças e gerando consequências para o futuro do país, uma vez que a subnutrição infantil

deixa marcas permanentes físicas e mentais para toda a vida. A pesquisa evidenciou um paralelo entre medidas de insegurança alimentar e indicadores de pobreza baseado em renda no Brasil. "Mostramos a relevância atribuída ao tema pela população aqui a partir de pesquisas subjetivas. Avaliamos prospectivamente o impacto das mudanças introduzidas em programas de combate à pobreza vis a vis ao cenário corrente de estagnação, especialmente prevalente entre os pobres brasileiros", disse Marcelo Neri.